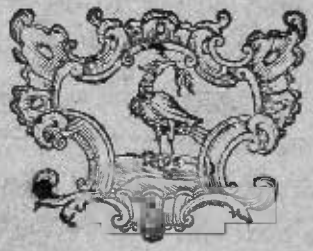


S A T Y R A  
 EM LOUVOR DAS MODAS,  
 O U  
 ESCUDO DE PERALTICE:

OBRA UTIL  
 A Velhos, e Velhas, Meninos, e Meninas,  
 COMPOSTA, E OFFERECIDA  
 AOS SENHORES PERALTAS,  
 E CASQUILHOS DE LISBOA  
 POR SEU AFFEIOADO SERVO  
 F. M. G. S. M.



L I S B O A  
 Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA.  
 Anno 1783.  
 Com licença da Real Meza Censoria.

*Multa renascentur, quae jam cecidere cadentque  
Quae nunc sunt in honore... si volet usus  
Et juvenum ritu florent modo nata, vigentque.*

Horat. in Arte.

## FLORENTISSIMOS SENHORES

Peraltas, Xibantões, e Casquilhos  
de Lisboa.

**A** Quella honra, e valor, que sómente herdei de meus avós, cujas façanhas ou o tempo as não respeitou, ou elles nunca as fizeram, forão quem me animou a declarar-me da vossa parte, no meio de tão frequentes batalhas, que as Musas freneticas vos tem dado nos vastissimos campos de huma Satyra descarada. Bem vejo que o meu auxilio he muito diminuto; porém como hum pão com huma fatia accommoda mais, esta a razão porque alinharei este papelinho, a que levantei o falso testimunho de Satyra, e reverente vo-lo offereço. Se assentardes que nisto vos fiz algum beneficio, ou ao menos obsequio, recompensai mo com as vossas moedas de dez reis, a fim de que possa ser hum decente defensor do vosso partido, não só escrevendo, mas imitando o vosso affeio.

Valete.





E entre nos de bigode á fernandina,  
 Golilha por gravata, e pequenina  
 Capa dos altos hombros pendurada,  
 A trança pelas costas desatada,  
 Hum chapeo mui pequeno, e desabado,  
 Calças grandes, çapato desbicado,

Hum vaião circumspetto apparecêra,  
 Que pasmo aos nossos tempos não trouxera!

A elle a petulante rapazia

Em tropel das esquinas correria,

Como ao calvo Eliseu, ou *Man'el Coco*:

Qu'e serio senão ríra do descoco

Do tenaz antiquario? qu'importára,

Qu' elle co's braços grande voz alçára,

E dissesse gritando: „ Desta forte

„ Arremedo esses filhos de Mavorte,

„ Qu' o Rei, e a Patria tant'authorisárão;

„ Eltes são os enfeites, que s'usárão

„ Naquelles bellos tempos já passados,

„ Em que por terra, e mares não trilhados

„ Os Lusos ajuntando gloria a gloria,

„ Ao templo s'elevárão da Memoria.

„ Os Albuquerque, Castros, e Sampayos

„ Terror dos Maratás, e dos Malayos,

„ Trajavão deste modo; assim vestidos

„ Se fizerão no Mundo conhecidos! „

Mas quem lhe não tornára: he bem verdade,

Que em tão antiga, e respeitosa idade

Desla maneira os homens s'arreavão,

Que sahião a campo, e triunfavão:

E devemos dizer, que aos seus vestidos  
Tão famosos combates são devidos,  
Quando co's mesmos com que triunfarão,  
Desejadas victorias lhe escaparão?

Somos loucos, s'esforço attribuímos  
Ao modo de trajar; que tempo ha vimos  
Os nossos Portuguezes valorosos,  
Sem jaquete, e sem calças belicosos  
Das ribeiras partir, que o Tejo banha,  
E afustar os Leões d'altiva Hespanha!

Nada augmenta o valor de taes guerreiros  
O pezo de huns canhões, e d' huns peneiros,  
Huma vestia com abas desmarcadas,  
Hum chapeo ordenado ás tres pancadas,  
Cantos iguaes, o forro de carneira,  
De rabixo enroscado, a cabeleira  
Com seus anneis de atame ou ruça, ou loira,  
Atestada por dentro de salmoira;  
A' roda do pescoço mui justinho,  
Seguro co' huma chapa o petrocinho;  
Huns punhos té aos dedos alaistrados,  
Com muita roda, e todos recortados;  
Calções sem alçapão de tripe feda,  
Que andavão limpos a poder de greda;  
Suas ligas de atar, meias riscadas,  
Fivelinhas de prata pépegadas,  
Em fima de huns çapatos desbicados,  
Mui largos, e co's saltos esbeçados.

Não consiste o valor no atavio;  
O desejo da gloria, a honra, o brio  
Forão quem produzio tantos Atletas,  
Pasma do Mundo, assumpto dos Poetas:

Alguns me arguirão, que a nossa idade  
'Sta muito corrompida da vaidade,  
E se o traje valor não lhe infundia,

A carencia de luxo então seria ;  
 Mas oxalá que o luxo , e vaidade  
 Não reinassem no Mundo em toda a idade.

Depois que os homens esquecer deixarão  
 Os tempos venturosos , que chamarão  
 Seculos d'ouro , desde a branca lá  
 A sua côr trocou na Asiria grã ,  
 O luxo , e vaidade engatinhando ,  
 Pouco , a pouco se forão levantando ,  
 E seguidos de povos numerosos ,  
 Se fizerão no Mundo poderosos :  
 Os faleiros nas mezas rutilarão ,  
 Porfolanas , e prata as adornarão ;  
 Com ouro fino as sedas se tecerão ,  
 Bernes , veludos , telas se fizerão ;  
 E a tal ponto chegou entre os Romanos ,  
 Que em luxo forão pasmo dos humanos !

Porém volveudo a nós ; que tem de mais  
 O ver em uso postos os metais ,  
 Sedas , e bernes , chitas com fartura ,  
 Hum fraque com mais esta cortadura ,  
 Arrecuadô atrás , ou por direito ,  
 Gola mais larga , bandas sobre o peito ,  
 Fivelas ou redondas , ou compridas ,  
 Hum laço no chapeo , borlas cahidas ?  
 Isto he luxo , assim he ; porém seguido  
 Foi de nossos maiores : hum vestido  
 Com casás d'alto a baixo , estas fechadas ,  
 Botões aos centos , pregas esculadas ,  
 Vesteis de mais da marca , e guarnecidas ,  
 Não são couças por luxo produzidas ?  
 Se hum roupão para o frio he mui bastante ,  
 Usar outro vestido he ser farfante.

Nossas avós não tinham seus toucados.  
 Com papelão ao alto levantados ?

Não têm botões d'ouro na camiza,  
 Fivelas de ouro aberto, ou prata liza,  
 Brincos de preço, laços ao pescoço?  
 Meus senhores, confesso que não posso  
 Ouvir tanto ralar: ha tal abuso!  
 Em sahindo huma cousa fóra d'uso,  
 Satyras logo: hum velho não consente;  
 Senão o que elle ufou; impertinente  
 Mofa de quanto vé; e blasfemando  
 Contra nós, o seu tempo idolatrando,  
 Faz com léas suarnos o topete,  
 Louvando o velho, e ferio minuete,  
 Chamando ás contradanças, dançarolas,  
 Proprias de loucas, e de mariolas.

Mas não perde função; e pouco a pouco  
 A'quelle que chamava d'antes louco,  
 Imita sem rebuço; sai a campo,  
 Nas assembléas faz seu pé de banco;  
 E tenho muitas vezes reparado,  
 Que nunca hum jarra podre, e desdentado;  
 Que ralha dos enfeites, por seu par,  
 A mais velha, e modesta vá tirar!  
 Todo Adonis os braços requebrando,  
 Os pés hum pelo outro embaraçando,  
 Sua, e não larga! quantos deste lote  
 Cantão sea modinha, dão seu mote  
 Com alusão frecheira; e titubando  
 Da boca enregelada a voz soltando,  
 Finezas dizem, chorão anciados,  
 O não ter menos trintanos costados;  
 E ha tal ralhador da nossa falta,  
 Que o cabello criou por ser Peralta!  
 Que parece melhor? ver em Lisboa  
 Onde o rodar dos coches tudo atroa;  
 Onde tudo he magnífico, e invejavel;

Dos Cidadãos a turba innumeravel  
 Em pardas faragoças embrulhada,  
 Ou o garbo, e figura bem tirada  
 De hum Peralta? a mais pobre senhorita,  
 Sem outro ornato algum mais que hum fita,  
 A sua capuchinha, e dous volantes,  
 Excede as senhoraças mais xibantes  
 Desses tempos, que os tempos já levãõ,  
 Sempre as coufas, senhores, se mudãõ  
 Do tempo á proporção, o que algum dia  
 Os olhos recreava, hoje enfastia;  
 E se nausea nos faz sempre hum comer,  
 O trajar sempre o mesmo hade-a fazer.

Se observamos do bruto a natureza,  
 Nós vemos, que rolando entre a aspereza  
 De soltas pedras, ou de agreste mato,  
 A cobra sibilando larga o fato;  
 Muda o passaro as pennas, muda o pelo  
 O dourado novilho, a ovelha, o velo,  
 E muda a folha o bosque de anno em anno:  
 E ter por coufa rara que hum humano  
 Mude o seu traje, á proporção da idade,  
 Que tenha no vestir-se variedade,  
 Quando o Mundo he tão cheio de mudança!  
 Querer que exista agora a antiga uiança,  
 E não possa qualquer mudar de asseio,  
 Sem que sirva de tranca ao olho alheio!  
 Qu'rer que em coufas do tempo haja firmeza,  
 He dar novo instituto á natureza.

Que importa o homem traje ao modo antigo;  
 Se elle for do seu proximo inimigo,  
 Soberbo, matador, e de impiedade  
 Armado, for damnoso á sociedade?  
 Que importa que o vestir use de agora,  
 Que a rabuje dos velhos desfadora?

Vista assim; ou affado; mas com tanto,  
 Que respeite do Rei o nome santo,  
 A Patria estime, cuide em ser honrado,  
 Siga a Religião, sirva o Estado:  
 Que tem o ext'rior co'as intenções?  
 Nunca pendeo a gloria das Nações  
 Do vestir dos seus póvos; a virtude,  
 Ou dentro do veludo, ou borel rude,  
 Tem o mesmo esplendor, o mesmo preço;  
 Mas quem toma estas cousas do aveço,  
 Ralha, e torna a ralhar dos seus nascidos,  
 Imbirrando no talhe dos vestidos!

Acafo porque tem a casca dura  
 O miolo da amendoa he sem doçura?  
 O veneno lançado em crystal fino,  
 Acafo perde a essencia de malino?  
 Tambem sabe a comida bem temp'rada,  
 Em prata, como em barro ministrada.

Observem cada huns desabufados,  
 Que fizerão louvavel os passados;  
 Os defeitos lhe notem, maiormente  
 No que ao Público, e a Deos he pertencente;  
 Sigão o bem, desviem-se do mal,  
 Que o trazer chapeo grande pouco val.

Mas *Porfino*, me dizem: já 'stou certo  
 Não ser a moda tanto desacerto,  
 Como té' qui julgava; mas tambem  
 Por outra parte vejo muito bem,  
 Terem razão aquelles, que mofando  
 Da fofice do tempo, vão notando,  
 Que a filha do sebento remendão  
 Faz hoje em dia quasi o figurão,  
 Que a daquelle que tem baitantes rendas;  
 Ao fidalgo de granjas, e commendas,  
 Imita o escrevente, o rabolista,

E o caixeiro do pobre capellista.

Respondo *Filo* eu sou defabusado,  
E posto que da moda enamorado,  
Não volto o rosto ao lume da verdade:  
Isto que dizes faz-me novidade,  
Mas não sou como aquelles mal dizentes,  
Que apenas esses vem, já dentre os dentes  
Lhe escorrega sem ter moderação,  
Não he rico, e campea *ergo* ladrão.

De forte que eu meu *Filo* bem diviso  
A grande differença, mas juizo  
Não posso formar certo, quando vejo,  
Que o pobre çapateito o seu desejo  
He que a filha xibante, de tal sorte,  
Que á fome lhe será gostosa a morte,  
Com tanto que ella em secia nunca ceda,  
A' do outro, que arroja fina seda.  
Elle na loja, e ella pospontando  
Vem o Sol d'entre as nuvens espirrando,  
E banhar-se nas ondas sem largar;  
Ora não podem juntos grangear  
Par' hum vestido, capa, e outras drogas,  
Que vem tudo espremido a dar em fogas!  
Vestido, que lhe serve para tudo,  
E não veste com medo pelo entrudo!  
Isto he máo? não respondes? *seja ou não*;  
Porém pode o fazer sem ser ladrão.

Aquelle que tu vez sem ter real,  
Trajando d'alto a baixo por igual,  
Quem te diz lho não dá ou seu padrinho,  
Ou a prodiga mão d'algum visinho?

O caixeiro assim he que lucra pouco,  
Porém por campear bebado, e louco,  
Quanto prezo na loja ganha hum anno,  
Gasta num' hora por sahir ufano.

O escrevente linhas estendendo,  
 A' luz da véla feitos revolvendo,  
 Quanto acolhe, de si duro inimigo,  
 Qual outro caracol leva consigo.

Eu mesmo a quem ventura não concede;  
 No lar paterno nem matar a sede,  
 Não ando gordo, nedio, e reparado  
 Do calor, e do Inverno congelado?  
 Deos sabe que o não furto: os meus amigos,  
 Que me escudão em tão crueis perigos,  
 Os papelitos mal alinhavados,  
 Vencem a mão de meus tyrannos fados.

Entra em casa de hum destes, olha atento,  
 Se placas, e se espelhos de espavento  
 As paredes lhe adornão; se cortinas  
 De damasco, se fofas bambolinas,  
 Lhe rematão as portas, e janelas;  
 Se bordado veludo, ricas telas,  
 Os bofetes lhe cobrem marchetados;  
 Se finos canapés, entrelaçados  
 Com ouro, se alcatifas, cobertores  
 De esquisitos franjões, belos labores;  
 Ornão seu aposento; se a gaveta  
 De moeda, ou penhores 'sta repleta;  
 Nada disto acharás, porque o coitado  
 Estende sobre taboas o costado,  
 Por sahir todo fecio, e presumido,  
 E quanto avê estraga n'um vestido.  
 Isto he máo, assim he; quem diz que não?  
 Porém pode-o fazer, sem ser ladrão.

De sorte que hum escravo dos herdeiros,  
 Tem em mais do que a moda os seus dinheiros;  
 E antes quer andar esfarrapado,  
 Que largar hum real: não vai do estado  
 Em que as casas estão, vai das paixões;

Hum

Hum quer antes ter sacos de dobrões,  
 Inda que morra á fome, e viva porco;  
 O outro, vendo a casa vai de borco,  
 Não deixa de nutrir a vaidade,  
 E não lhe dá passar pela anciedade  
 De viver empenhado, muito embora;  
 Se elle o seu mal constante nunca chora;  
 Hei de eu chorar-lho? *Filo* fora belo,  
 Que dos humanos fosse outro o desvêlo;  
 Que cada hum, á proporção dos teres,  
 Vestisse os seus filhinhos, e mulheres;  
 Que, segundo as pessoas, fosse o estado;  
 Mas se o Mundo de acordo está mudado,  
 Que lhe havemos fazer? deixa-o campar.

Verdade seja a morte vem segar  
 A todos pelo pé, sem differença  
 Do que he pobre, ao que tem riqueza immensa:  
 Bate á porta do fardido avarento,  
 E banhado em suores, macilento  
 Não quer largar as chaves do thesouro,  
 Lembrando-lhe Deos menos, que o seu ouro!  
 E a vida passada em porcaria,  
 Em fardidez, e á fome, n'um só dia  
 Lhe arranca para sempre: revolvendo  
 Os já vidrados olhos está vendo  
 O roto herdeiro abrir-lhe a sepultura;  
 Aonde ha tanto tempo, em noite escura  
 Tinha immenso dinheiro afferrollado;  
 Não vê seu rosto de agoas inundado,  
 Que para a casa, hum destes ver de borco,  
 Não he menos que a morte de hum bom porco.  
 Eu a moda defendo: que o dinheiro  
 Assim corre; desfruta o çapateiro,  
 O alfayate, lucra o mercador,  
 O ferigueiro, o sujo penteador,

Os generos se extrahem , e na verdade  
Nisto consiste hum bem da sociedade.

Gaste , e torne a gastar no seu alleio  
O flamante Peralta , mas no meio  
Da sua peraltice não se esqueça ,  
Que a vida acaba , apenas que começa :  
Desvelado o Rei sirva , ame a Nação ;  
E traga feda a montes de verão ,  
Precioso veludo pelo inverno ,  
Mas lembre-se da morte , adore o Eterno ;  
Porque pôr sobre si novo atavio ,  
Não he contra a virtude , a honra , e brio  
Cousas só , que hum mortal deve buscar :  
Obre-se assim , e ralhe quem ralhar.